

# Opereola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—\* Assignaturas\*—

Semestre . . . . . 250 reis  
Com estampilha . . . . . 300 reis  
Avulso . . . . . 30 reis  
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarensis»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

## Folle e gaita

Lá se escangalhou a *troupe* dramatica «Folle e gaita». Tinha poucos annos de existencia, era ainda nova, fresca, louçã.

Possuia feveras para durar, e durar muito.

Seiva não lhe faltava. Saude de ferro; e todavia e *vita excessit*, acaba de fallear! . . .

Victima da sua propria robustez? fulminada com alguma apoplexia?

Não.

Assassinada pelo punhal cinico da ingratição! Nem ao menos teve aventura d'uma morte theatral, elegante, produzida por lamina d'ouro, vibrada por um punho de rendas! . . .

Fêl-a *murder* o pó a mão brutal que não sabe agradecer o bem recebido senão esbofeteador! . . .

Nada dramatica a sua morte.

Quaes as causas determinantes de tão vergonhoso e hediondo attentado?

O acto de ingratição não as tem. Brota da alma espontaneamente, satanicamente, como o miasma que brota do paul. Doutra sorte poderia ser justo e digno. E a ingratição é soberanamente ignobil.

A *troupe* «Folle e gaita» merecia bem melhor sorte! Foi util e boa até á generosidade.

Fez-nos rir e fez-nos muito bem.

A par da alegria, destribuia o beneficio. Eis a sua gloria!

Não trabalhou nunca em proveito dos interesses particulares de cada socio.

Eis o seu elogio!

Mas trabalhou sempre para diversão nossa e proveito de todos nós.

Eis a sua nobresa!

Era, pois, *logico* que a ingratição a attingisse.

E ella não lhe soube resistir. Ao seu embate, baqueou, rebolou-se no chão, fechou um olho, depois outro e em seguida morreu!

Nós, pela nossa parte, aqui desfolhamos sobre a sua grata memoria, como preito de saudade, uns tristes goivos.

*Requiescat in pace!*

Marcello.

## Postaes masculinos

Queria ser avesinha ter azas, poder voar p'ra ir ver o meu amor que tão triste deve estar!

Porto

Ocirue.

Haydée.

A' Manoelita

Perguntei a uma estrella se era certo haver nos ceus pequerruchas como tu, d'olhos lindos como os teus.

E essa estrella disse haver pequerruchas d'encantar, mas nenhuma que tivesse um tão negro e lindo olhar.

Coimbra.

Fernandes d'Almeida.

## Postaes femininos

A minha mãe

O amor de mãe mitiga, como nenhum outro, as dôres cruciantes da curta vida que atravessamos.

Esmeralda.

Ventura, felicidade não quer dizer paz, socego, mas simplesmente posse d'um bem que nos encanta e traz a alma em perenne vibração de jubilo

Socego? Quem poderá dormir tranquillo sobre o seu tezouro, se corre perigo de ser roubado?

Assim o teu amor, ó meu Rohim, traz-me felicidade, mas tira-me a paz! . . .

Marietta.

Sem amor a vida seria um deserto. Deus collocou-o entre nós como uma amostra da sua excelsa bondade, para suavisar as nossas amarguras; porque o amor para o coração humano é o mesmo que o rocío para as flores, a agua para o sedente, a luz para o dia.

vão passando, uma meza de pinho, a cancella bem portugueza abrindo p'ró quinteiro e a palmatoria de buxo, fria, impassivel, ameaçando com os seus cinco olhos as almas juvenis. O professor, espartilhado no jaquetão surrado nos cotovelos, ossudo, a expectorar a bilis do seu infortunio, matraqueando os chinelos de trança por entre a rapaziada livida de susto, é alguem que não tem prestimo para o amanho da vida cá fóra, ao sol, incapaz do rebôco d'uma parêde, de solar uns tamancos, de alinhavar umas cuécas. Quem não pode ir para o Brazil nem cavacar umas batatas; quem veio aos trambulhões por uma pedreira abaixo e esborrachou um pé, aprendidas umas tretas, deita-se a ensinar meninos a tostão por mez. E' a lucta pela vida, a epopeia tragica da conquista da côdea, sem consciencia e sem futuro!

A' miseria do material escolar, pobre, escuro como sonhos d'assassinos, casa-se a vergonha da ignorancia do mestre, um pobre que nada aprendeu, que nada sabe, que ensina o a b c e a taboada n'um canto coral lento, monotonico, lugubre, sem mocidade e sem nervos, e dá mais importancia á doutrina christã que á botânica rudimentar das primeiras classes.

A cana, esse accessorio indispensavel dos meus tempos, é ainda o terrivel ariete para as irreverencias minimas e o marceal carapço de papel, extremo castigo das grandes faltas, o ferrete ignominioso do cábula e do brógeiro, a' oelhados e de mãos postas sob a imagem do S. José da casa.

N'aquelles casarões pavorosos, sinistros, onde cheira á cebola da caldeirada e á montureira da cortinha, não se podem fazer homens livres, fortes, que tenham o culto do trabalho e a paixão do saber. Não se educam, não se formam intelligencias, trucidam-se, estrangulam-se vocações e em vez de ensinar a cantar, a amar os passaros, as flores, a natureza, premeia-se a denuncia, louva-se a covardia, cultiva-se o odio.

Aquelle que não sabe a lição, porque a não comprehendeu, por

## CARTAS

### IV

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Sub-inspector primario

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Tem V. Ex.<sup>a</sup> visitado as escolas da nossa terra? Que tem visto por ali? Misérias e vergonhas; armazens apainelados a grossas teias d'aranha, sem ar, sem luz e sem conforto, uns bancos coxos, polidos pelos cueiros das gerações que

que a não estudou, leva palmatuadas do que a vomita e o rapazinho rebelde, traquina, que não goza sob o olhar do mestre nem trême da palmatoria ou do puxão d'orelhas plebeu, é o que vai de plantão p'ra porta da privada e o derradeiro a sair p'ro peão e p'ro eixo.

São assim as escolas? E' assim que se ensina?

Cinematographiei a maioria das nossas escolas particulares.

Agora que tanto se falla no analfabetismo portuguez e na decadencia da raça; agora que V. Ex.<sup>a</sup> assistiu a um congresso pedagogico, grande, solemne, onde se discutiram problemas que não dão direito a uma carteira em S. Bento ou a uma estatua n'um jardim, acha razoavel e possivel que n'esta terra seja ainda a instrução primaria esta pilha de vergonhas e miseria?

Não, positivamente. Cumprindo a lei, fechando os olhos aos doestos de meia duzia de imbecis que levantem um magro protesto d'algebeira, V. Ex.<sup>a</sup> deve mandar encerrar essas officinas de mancar caracteres, exigindo as habilitações necessarias para essa altissima missão, vistoriando os edificios escolares e o processo do ensino.

Porque o não tem feito? Vae ferir os interesses d'esses obscuros trabalhadores? Hesita entre o perigo que corre a patria, finando-se á falta de caracteres sadios, de intelligencias fortes, de iniciativas audazes, o prejuizo das creanças e o mal pecuniario de meia duzia?

Não o deve, não o pode fazer. Cumpra rigorosamente a lei, não consinta analfabetos a ensinar analfabetos, faça todo o possivel para que se esqueçam os velhos e rotineiros processos de ensino e, se não consegue ainda realisar a escola ideal, livre, moderna a valer, tem contribuido com o seu honesto esforço para o avanço da instrução primaria n'esta terra, derruindo o existente que sendo pessimo e anticientifico, é ainda vergonhoso e miseravel.

Appello para a intelligencia e para o coração de V. Ex.<sup>a</sup>, para o entusiasmo que parece despertarem-lhe estes problemas delicados, em nome dos que têm horror á ignorancia, ao despotismo, á cartilha do padre Ignacio e sabem e creem que só com muito amor se pode, convencendo-os, fazer homens livres, bons e honestos.

E disse...

5-5-09.

João Madria.

## Um anjo de bondade

(Dedicado a uma gentil menina)

Os amores gentis, as graças bellas,  
Os bemfazejos prodigos destinos,  
A cujo fado uns olhos femininos  
De meiga luz se acendem, como estrellas,

Quando Rachel nasceu, com taes cautelas  
Se houveram em fada-la, com taes minos,  
No corte de seus labios pequeninos  
Derubido coral, nas aguarellas

Com que as setineas faces colociram,  
Que, quando apóz o seu trabalho viram,  
Amores, graças, Destinos, com validade,

Quedaram-se a miral-a. Que alegria!  
E Rachel teve entáo, por prophécia,  
Ser sempre boa, um anjo de bondade!

Porto, abril de 1909.

MOLIMA.

## O que ella sonhava!

—\*—  
Ao Dr. Noemia

Era alli, n'aquelle amplo quarto illuminado por um frouxo raio de sol, que se esbatia sobre umas pequeninas sandalias, tão pequeninas que pareciam pertencer a uns pesinhos siamezes ou a alguma lendaria princeza, que se encontrava a pobre pequenita immersa no leito do dôr, perdidas as cores do rosto que outrora fora alegre e onde hoje se via estampada a tristeza doentia, melancolica e communicativa!

Sonhava a linda creança, e que extravagantes sonhos eram os seus? I...

A' medida que aos seus ouvidos echoavam cores celestias d'um mystecismo suave e doce, os seus bonitos e expressivos olhos fitavam-se na imagem de Nossa Senhora da Conceição que parecia chamal'a para si atrahindo-a com o seu santo e meigo olhar. Julgava-se então, a pobresita, conduzida por mãos invisiveis por entre nuvens atravessando os espaços sidereaes. E assim a phantasia dos seus sonhos e devaneios, tinha reflexos d'ingenuidade calma e d'amor divino.

O seu espirito sobreexcitado pelas leituras religiosas imaginava-se com o trage da primeira communhão d'uma deslumbrante alvura.

E enquanto nas azas do delirio o seu pensamento se elevava ante o throno do Senhor, uma mulher, em extremo dedicada, (como o são as mães) alli estava soffrendo com a filhinha querida, e, talvez o seu soffrimento excedesse o da formosa enferma porque aos seus olhos, cansados da longa vigilia, não assomavam as lagrimas que são o balsamo de quem soffre. E foi no momento em que a pobre, coitada, lhe aconchegava as roupinhas, e, mais uma vez, ia fitar o seu emagrecido e definhado rosto, notou que tinha terminado o martyrio da sua filhinha estremecida e que aos seus labios onde costumava brincar um gracioso sorriso se tinham descerrado n'um tenue ciclo d'um ultimo suspiro.

Ao longe, muito ao longe, cantavam os cherubins e dedilhavam em harpas d'ouro harmonias desconhecidas!

Ovar, 6-5-909.

De Parma.

## ORAÇÕES D'AMOR

III

Trago ha muito nos labios uma préce,  
Uma oração d'amor,  
Que por ti réso quando a noite desce,  
Oh! minha branca flor!

Outras vezes, p'las noites de luar,  
Em noites de verão,  
D'olhos no Alem, eu fico a murmurar  
Essa mesma oração.

Coimbra, Maio de 909

Fernandes d'Almeida

## Na praia

Sahiu um dia à tarde e sem destino  
Por muito tempo andou;  
Tristonho, melancolico e sem tino  
A um portal chegou.

Na vespera, vira elle uma donzella  
Tão simples, tão gentil,  
Que ao vel'a debruçada na janella  
Sonhou venturas mil.

Mas essa diva, uma creança ainda  
O seu olhar notou  
E a sua formosa fronte, a fronte linda  
Levemente descorou!...

Abeira-se o mancebo e não reziste  
Ao goso de a ver só...  
Mas fica-se pateta, mudo e triste:  
Ella... uzava chinó!!

Porto.

Noemia.

## NOIVA

Ernesto fora passar uns mezes de verão com seu velho tio, o ultimo descendente dos Forgaes, na sua casa morgadia.

Educado na cidade, nunca tivera a liberdade completa que gozava no campo. Sujeito a todos os rigores da sociedade; os theatros, os cafés, os bailes que principiara a frequentar, envenenaram-lhe o espirito de mil pensamentos libertinos.

Tinha-se tornado um rapaz da moda.

Agora no campo, no isolamento das companhias estroinas principiava a amar o socego do lar: de vez em quando mandava sellar o seu cavallo baio e descia aos valados, volteava pelas campinas, conversava com as raparigas ás portas das choupanas e seguia-as muitas vezes descuidado.

Um dia apaixonou-se deveras! Tinha estado a brincar com a Ma-

riquitas e ella era tão linda, tinha o rosto tão delicado, era tão airosa...

Amava-a muito.

Acabou o verão. O inverno descia com todos os seus rigores, o vento, a chuva, o frio.

E havia ainda quem o visse a fallar com a Mariquitas, ao longe, perdidos na floresta!...

No verão immediato voltou á aldeia.

Logo ao descer do seu *phaeton*, soube que tinha de ir procurar a Mariquitas, á campa d'ella, morta!...

Quantas lagrimas contidas, represadas no peito d'aquelle rapaz! Quanta dôr e quantos remorsos a amargurarem-lhe a existencia! E ellas, as lagrimas seccavam-se nas orbitas afogueadas e nas faces empallidecidas!...

Tinha ficado um filho! Queria vel-o...

Quem daria noticias d'elle?

—Ah! a maldição pesa sobre mim!

Depois foi visitar seu tio. Achou-o

mais acabado, e, perguntando-lhe por ella, elle apontou para um berço... Um ninho d'ave pequenino e rendilhado... Um rosto muito branco sobresahia do cabello loiro e das dobras do lençol finissimo.

—Meu filho!

Abriam-se os theatros.

A's portas dos cafes os *dilletanti* criticam de bom humor uma opera *manquêe*. Num grupo, estão os nossos elegantes... Teem fallado dos assumptos mais escandalosos de cada um.

Passa um garoto com jornaes.

—Deixa ver lá isso, oh! rapaz...

—A dez reis!

Um d'elles tomando conta do jornal entram para dentro do cafe, n'un grande borborinho, todos, e desdobrando a folha sobre a meza de marmore, principiaram a ler.

—Chronica, rapto, notas falsas, roubo...

—Que insipidez de noticias!...

—Partiu esta manhã para a Suissa o nosso presado amigo... O Ernesto?!

—Que? com que então parte e não se despede de nenhum de nós?

—Alguma paixão? alguma aventura galante?

—Tu é que deves saber, companheiro effectivo...

—De ceias e jantares!

Desgraçado, morres á fome agora!...

—Não brinquem!...

E um d'esses ficou-os depois massando a respeito de viagens na Suissa, onde nunca tinha estado!

No dia seguinte recebia pelo correio a participação do casamento de Eugenia de X. com Alfredo de Foargaes.

ADIR-AGRAM.

CHRONICA

Uma tempestade! sim, senhores, uma tempestade, mas não em copo d'agua, isso que ahí vai, a proposito do incidente da *troupe* «Folle e gaita».

Uma tempestade? um verdadeiro cyclone!

Sopra-se d'uma banda: Morreu a «Folle e gaita!»

Sopra-se d'outra: A «Folle e Gaita» não morreu!

Tempesteia-se d'um lado: matamol-a! está bem morta!

Redemoinha-se do outro: nós não consentimos na sua morte!

Não morreu!

E os ares electrizam-se, turvam-se com estas entrechusadas bafuradas, agitam-se, alteiam-se em ondas para o ceu, descem depois em catadupas para a terra e um poeiral medonho senhoreia-se do espaço.

E toda a população da villa, esfregando os olhos attingidos em cheio pelo vil pó, corre d'um para outro lado, a inquirir ansiosa, afflicta: —que é feito da «Folle e Gaita»? Viva? Morta?

Morta?! ... Oh! meu Deus!

E fica-se de mãos crispadas, atadas ao toitigo, o olhar espantado cravado na abobada celeste, a bocca em hiato ea face contrahida, na expectativa cruel d'uma certeza terrivel!

E a poeira sempre turbilhando, cegando sempre, não deixando ver nada claro!

Já nos espaços intermundios se sente o seu cheiro.

As proprias estrellas, onde não ha fumo, estão sendo escaladas pelo formidavel vulcão!...

Um cataclismo, se um vento forte dominador, não vem serenar os ares, neutralizando tanta energia escachoante e desconstrada.

A apoplexia entrará na sua fusilaria cerebral, se este terror e desasocego durarem por muito tempo. Ferverá o cachaço e referverá a bofetada; as velhas pistolas serão arrancadas aos leitos ferrugentos dos coldres onde dormiam, ha mais de trinta annos, n'uma paz tranquillia, para os lumes da refrega; o faino saltará abaixo da copeira esfumada da chaminé, na ancia feroz de escalpellisar bandulhos, que tragam lá dentro assomadas bravuras pró ou contra a vida da «Folle e gaita».

As velhas armas, que se cobriram de louros nas guerras francezas, nas sarrafuscas da liberdade e depois nadogolla e evisceramento d'algum manso borrego de rifa aldeã, não brilharão ao sol, ao lado das amazonas Manca e Martha marcialmente

escarranchadas nas suas vassouras! Oh! a «Folle e gaita!» A «Folle e gaita!»

\*

Mas, porque tudo isto? porque a dissolução ou defuncção de *troupe* de tão patrioticos brios?

Dizem que por uma desconsideração.

Desconsideraram a *troupe* alguns individuos envolvidos na commissão executiva da Misericordia, precisamente quando, em dia de Pascoa, a «Folle e gaita» realisava um espectáculo em beneficio d'aquelle!

Communicara a sua intenção aquelles, que se não deram por achados de nada.

Duro!

Depois na noite do espectáculo foram aquelles, diz-se, bocejar em frente do palco, durante a representação.

Durissimo!!

Mesmo de encavacar, e fazer perder o *ponto* e a cabeça!...

Por fim veio coroar a obra a impenitencia jubilosamente confessada d'estas faltas de respeito.

Isto então foi um bradar ao ceu!!

O patriotismo da *troupe* não pôde mais, sentiu-se desfallecer logo.

Depois enfrenzeiou-se, vociferou duas imprecações contra os ingratos e, reunindo nos gorgomillos todas as suas amortecidas forças, chamou a reunir tambem todos os *activos*. E disse: amigos: sintome prompta! parece-me que já tenho o *folle* rebentado e a *gaita* desafinada, depois do que acabo de soffrer. N'estas condições, sorri-me a morte.

Já não tolero afinações nem concertos!

Morrer! oh! morrer patrioticamente é a suprema gloria!

Ide, dizei que estou *morrida!* Quando esta nova ahí rebentou, annunciada pelas proprias palavras da «Folle e gaita», tudo se interneceu e a villa em peso foi ver, examinar, apalpar aquella martyr!

Não soube, porém, dar-se uma certeza; e á hora a que escrevemos todo este bom povo aneia na cruel duvida!

Nós! pela nossa parte, intendiamos que seria melhor pôr termo a esta suspensão dos espiritos. Como? matando a *troupe* á cajadada, se ella ainda respira, e perpetuar a sua memoria, erguendo ahí n'uma praça sobre um pedestal um folle e uma gaita de avantajadas proporções.

Ficaria assim vingada a justiça e... a ingratidão teria ahí o seu pelourinho.

Alfredo.



Secção charadistica

QUDARO D'HONRA



Arnaldo D. Silva

Estarreja

Decifrações do numero 7da «Perola»:

N.ºs 1. Viçosa; 2. Nepote; 3. Patachoca; 4. Estevacisto; 5. contraherva; 6. Abaco; 7. Abara; 8. algarrubalo; 9. Ubicacão; 10. Almada; 11. Piloto; 12. sergente; 13. João-tolo; 14. Canario Andorinha; 15. Jaré-Jacaré; 16. Ugar; 17. Victor; 18. Dahota-data; 19. Alfama-alma; 20. Lenho-lenha; 21. Corvina-corvino; 22. Almada.

Decifradores:

Arnaldo D. Silva os n.ºs: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 22. Total 20—Arnobio os n.ºs: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20 e 22. Total 19—Joteba os n.ºs: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 19, 20, 21 e 22. Total 15.

Em verso

1  
Um millionario allemão,  
Homem de grande estimacão,  
Teve uma ideia bella e feliz  
Em vir visitar o nosso paiz,  
Pondo-se então a caminho,  
Par ver o gentil Minho,  
Onde viu varias festanças  
Levando algumas lembranças  
Para a sua enorme nação.  
Sendo um fructo como melão-2 3 4 5  
Alem de uma ave graciosa-4 5 6 1  
Mui agradável e airoso,  
Bem como um jogo gentil 2 3 6 7  
Que merecia louvores mil,  
Levando tambem no burnal  
Um gentil e jucando jornal.

Rei Pum.

Combinada por syllabas (arte nova)

(Ao grande matuta A. C. D. Silva)

2  
Re \* 1.ª . Hir—rechaçar  
Pa \* 2.ª . la—loquacidade  
Sa \* 3.ª . ma—saudação

Aljofar  
Hermogenes

Em quadro

(Retribuição ao egregio confrade e amigo Rei Liz)

3  
... —Animal  
... —Animal  
... —Animal  
... —Animal

Rei Pum.

Em phrase

4 Despoje o animal em toda a compaixão. Do contrario, é um homem insensato. 2 2 1.

E. de Souza.

# A Perola

5 Na argola da reputação traba-  
lha-se com urgência 2 2

—\*—

6 N'um copo de vinho que os  
jesuistas davam aos noviços con-  
valescentes havia no gasto muito  
segredo 2 1

*Carcosmor.*

—\*—

Ao grande Republica

7 O jazigo despido, na musica  
tem forma de sino 2 1 1.

*Rei Negro*

==\*

8 Depois de maluca é que se  
fez apostolica 2 2

—\*—

Ao illustre Jô-Féra

9 Para cá d'Aveiro tive uma fo-  
me canina 2 2

*Joteba*

—\*—

Retribuicao a Folha

10 A lethargia não é boa quan-  
do se transforma em cinzas 2 1

*Republica.*

—\*—

Ao joven charadista Eurico de Souza

11 O rei de Israel foi envenado  
n'um banquete, nas proximidades  
do Jordão, por um creado que lhe  
deu a beber o succo d'uma planta  
venenosa. 2 1 2

—\*—

12 A mulher cahiu ao rio, mas  
salvou-se agarrando-se a uma plan-  
ta 3 2.

*Rei Liz.*

==\*

13 Qualquer preposição esphe-  
rica é do tempo de Christo 2 2

*Pinheiro.*

—\*—

14 Na Italia a planta é do pei-  
xe 2 3.

*Porquinho.*

==\*

*Synopada*

Retribuicao ao distincto collega Rei-Negro

15 3-Com a picareta matei uma  
cabra 2

*Joteba*

—\*—

*Electricas*

16 Dizem-me que uma arvore  
não sei donde, saracoteava sem-  
pre, segundo o seu habito, será  
verdade? 4

==\*

17 Eu sou um signal que se  
applica a vogaes e invogaes 2

*Arnobto*

—\*—

*Dupla*

18 Vi este animal n'uma cidade  
das Phylippinas 2

*Jô Féra.*

—\*—

*Africo-novissimas*

19 Esta planta dei aos indios  
para fazer pauno 2 2

—\*—

20 A letra é arrojada n'esta re-  
glão da Africa 1 2

*Anidem.*

—\*—

*Republicana*

(A todos os charadistas da Perola)

21 3-Esta abertura é um  
caminho 2

*Rei Pam.*

—\*—

*Truncada*

22 Que formosa mulher! Tão  
formosa como a lua 3

*E. de Souza.*

==\*

*Massada geographica*

Ao Rei Negro, Arnobio e Nelin

23 Formar o nome de uma  
rua do Porto com as letras  
das seguintes palavras:

BELLUADOR NO TEMO

*Parreirinha*

## Nova loja de fazendas

—\*—

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sor-  
tido de fazendas, taes como:

Pannos crús, riscados, pannos patentes, mo-  
rins, o que ha de melhor, ultima novidade m  
flanellas d'algodão, sephires setinetas, o que  
ha de mais chics: Cobertores d'algodão, guarda-  
soes para homem e senhora, de fina sêda e al-  
paca, bengalas (novidade). Um saldo de phan-  
tazias ou castelletas e bem assim um grande  
sortido para a estação de verão em cazemiras e  
cheviotes para factos d'homem, colletes de  
phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

## MACHINAS DE COSTURA

—\*—

As machinas de costura «Original» de *Frister*  
*Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha  
ambem machinas SINGER e accessorios para as  
mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

## Machinas de costura

As machinas de costura  
de original *Ideal*, são as  
melhores; tanto para coser,  
como para bordar.

Estas machinas são as  
mais distinctas que se fabri-  
cam na America.

Unico depositario em Ovar.

*Ludgero Peixoto*



Officina do calçado

de

*Manoel Rosas*

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

*José Rodrigues Faneco*

Rua dos Ferradores—Ovar

## A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1

Quinta feira 13 de Maio de 1909

N.º (29)-8

Snr.